



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO.
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE.
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS.
DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL.
LICENCIATURA EM DANÇA.**

NATHÁLIA DO NASCIMENTO MENEZES.

COMUNIDANÇA EM UM OLHAR DE DENTRO PARA FORA.

A importância do projeto de extensão na Universidade Federal do Rio de Janeiro para o aluno bolsista e voluntário em formação.

Rio de Janeiro – RJ, 2018.

MENEZES, NATHÁLIA DO NASCIMENTO.

COMUNIDANÇA EM UM OLHAR DE DENTRO PARA FORA.

A importância do projeto de extensão na Universidade Federal do Rio de Janeiro para o aluno bolsista e voluntário em formação.

Relatório final, apresentado a Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciatura em Dança.

Rio de Janeiro, 28 de maio de 2018.

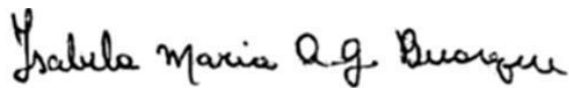
BANCA EXAMINADORA:



NOTA: 10,0

Orientação Prof. Denise Quelha de Sá.

Prof.^a Dra. Departamento de Artes Corporais/UFRJ.



NOTA: 10,0

Prof. Isabela Maria Azevedo Gama Buarque.

Prof.^a Dra. Departamento de Artes Corporais/UFRJ.



NOTA: 10,0

Prof. Frank Wilson Roberto.

Prof. Dr. Departamento de Artes Corporais/UFRJ.

MÉDIA: 10

“As minhas cicatrizes aprenderam a falar o idioma da gratidão.”

DEDICATÓRIA:

A Cosme, Damião, Doum e Crispim Crispiniano que eu carrego com tanto amor e carinho como uma criança carrega um saquinho no dia 27 de setembro. Meus erês, a luz dos meus caminhos. A quem devo todas as minhas conquistas e todos os meus aprendizados. Os que guiam meus passos, meus pensamentos, minhas orações, meus desejos mais profundos e afastam de mim todo mal que penso e faço.

Aos que fazem morada no meu coração, a quem entrego minha matéria e meu espírito para que eu seja madeira de marcenaria dessa criançada que cria em mim tantas escadas e fazem de mim massa de molde porque eu quero a todo tempo estar para Eles pela caridade e pelo amor.

Vivam as crianças! Viva a Ibejada!

AGRADECIMENTOS:

Agradeço meus ancestrais, agradeço aos que vieram antes de mim e romperam barreiras que não permitiam que corpos como o meu tivessem o espaço da academia como afim.

Agradeço meus colegas de jornada que atravessaram durante tantos momentos minhas memórias e que ficarão gravados para sempre no mais íntimo de mim. A turma 2013.1 não poderia ser menos do que foi: complexa, ácida, feita de corpos repletos de história e “meio disponíveis”, plural! Turma amiga, amável, amada!

Agradeço alguns mestres da academia que me fizeram perceber o melhor de mim, que me mostraram que a Arte é para todos os corpos, todas as crenças, todos os espaços.

A minha orientadora, Denise Sá por aceitar meu convite de orientação.

Ao meu coorientador, professor Frank por ter me dado vários momentos de luz quando precisei, principalmente sobre a história do Comunidade.

Aos meus alunos que com muito carinho toparam, topam e tenho fé que sempre toparão minhas insanidades sem duvidar, questionar ou qualquer outra coisa nesse sentido! Obrigada meus queridos por serem meus ratinhos nesse imenso laboratório chamado vida!

Aos meus companheiros de Comunidade que me proporcionaram tantas emoções, tantas brigas, tantos momentos de luta e resistência! Vocês, durante muito tempo foram a corda que segurou minha permanência nessa loucura chamada Universidade.

Aos meus colegas de profissão dos empregos em que estive mergulhada durante o processo da graduação, que apesar de nunca entenderem o porquê de se escolher uma graduação em dança, sempre me apoiaram, me incentivaram e não me deixaram desistir! Esse agradecimento em especial é para a minha eterna equipe do Hospital Municipal Evandro Freire, a equipe Epidauro do Museu da Vida e principalmente ao Fredson, que tanto dialogou comigo, tanto me ouviu quando eu só precisava ser ouvida, dividiu comigo minhas meditações e sempre acreditou nessa escrita.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS:

A minha família que mesmo não aceitando muitas das escolhas que fiz em vida, nunca deixaram de me apoiar, de me dar amor e suporte. Que sustentaram meus maiores momentos de dor e sofrimento ao longo dessa vida enquanto pessoa com deficiência, mas que em hipótese alguma me recriminaram ou me deixaram ser recriminada.

Meu pai Dilson, minha mãe Ana, minha irmã Priscila, minha vó Dilma e minha madrinha Sonia que sempre fortaleceram meus pensamentos e minha alma. Foram meu maior exemplo sobre o que significa a palavra empoderamento enquanto eu era criança e que hoje são os principais alicerces da minha nada mole vida! Me emponderavam sem nem saber o que isso era e do que eu seria capaz! Obrigada família por me deixarem seguir os trilhos que eu escolhi, mesmo vocês pensando que não seria bom ou que não valeria a pena. Tá valendo, viu?!

Ao meu querido hoje, enquanto escrevo “namorado”, Camarão Netto que me despontou em vida exatos 10 anos após nos conhecermos como amigos e que hoje é o maior incentivador dos verbos conquistar, trabalhar e amar que eu conheço. Obrigada, meu amor, por não me deixar ficar no chão todas as vezes que caio e principalmente, obrigada por permitir compartilharmos nossas almas.

Por último e mais especial, assim como a gente faz com a última batata frita da caixinha da Mc Oferta, MUITO obrigada, ETERNAMENTE obrigada Comunidade. Assim, em primeira pessoa, como gente que para mim você é. Que me afeta e me modifica todo santo dia.

Obrigada por me deixar fazer parte de você, por me deixar ganhar uma menção honrosa com seu nome em um trabalho que posteriormente se transformaria nessa tese! Obrigada por me dar tantas turmas com tantas pessoas especiais.

Eu faço muita questão de repetir dois depoimentos que já escrevi sobre você em mídias sociais para que fique eternizado nesse papel aqui que um dia alguém disse que tinha algum valor. Mal sabiam que as experiências que um projeto de extensão podem proporcionar valem mais que qualquer papel!

RJ, 08 de julho de 2017 – III Mostra Comunidade:

“Eu participo desse projeto a quatro anos. A universidade me proporcionou conhecer essa coisa linda chamada Comunidade... Ao longo de quatro anos, vivo na incerteza sobre a minha graduação e sobre ser e seguir essa profissão tão linda e encantadora, mas tão menosprezada, chacoteada e diminuída na nossa sociedade que é a dança, que é a arte.

Eu sou a todo momento tomada sobre questões pertinentes que podem mudar o curso da minha vida. Às vezes tenho plena certeza que quero proporcionar o melhor que a arte é capaz de dar ao outro, às vezes, tenho certeza que não quero me matar de trabalhar em 4, 5 lugares pra poder sobreviver minimamente. Às vezes quero parar. Quase sempre quero parar, mas sou sempre impulsionada por esse projeto a continuar. As experiências que eu vivo cotidianamente nele me fazem crer que é possível. Eu sigo acreditando.

Quando me perguntam o que quero fazer da vida, o que espero com a minha graduação enquanto profissional, minha resposta é certa: ser agente transformadora.

Ontem, percebi que já sou.

Ontem, o Comuni me presenteou mais uma vez com um momento inesquecível, repleto de amor.

Ontem, esse projeto me tomou mais uma vez por completo me fazendo lembrar que só a educação e a arte podem amenizar e transformar e capacitar.

É textão... Mas nenhuma palavra NUNCA será capaz de agradecer ao universo por ter me presenteado com esse projeto.

Eu nunca serei capaz, por mais que tente mil vezes, de retribuir as metamorfoses que o Comunidade causa em mim.

Obrigada UFRJ, obrigada Comunidade.

Obrigada por modificar meu modo de ser, viver e crer!

Sigo na luta, debruçada sobre você, o projeto mais especial da minha vida.

Gratidão.”

RJ, 09 de novembro de 2017 – Menção Honrosa:

“Hoje eu amanheci com a sensação de plenitude e prosperidade afloradíssimas em mim. A quatro anos eu conheci um projeto lindo na UFRJ que em absolutamente todos os momentos que pude e posso, faço questão de levantar e defender sua bandeira!

O Comunidade modificou minha rotina, minha didática, além da minha forma de ser e agir.

Quem me conhece sabe que o Comuni é meu filhinho e que eu o defendo como mãe defende filho, real! Esse projeto foi e continua sendo o real sentido e motivo para eu continuar nessa universidade tão cruel. É esse amor que eu tento repassar para os meus alunos, meus colegas de equipe e meus orientadores nessa nossa rotina árdua e complicada de um projeto de extensão.

Fazer parte de um projeto de extensão não é fácil, fazer parte do maior projeto de extensão da maior universidade do país é mais difícil ainda.

Muita gente quer ser Comunidade, pouca gente quer viver e fazer pelo Comunidade.

Hoje de manhã, recebi a notícia que fui premiada por um artigo que pude escrever a partir das experiências que

o Comuni me proporcionou e na verdade é só uma colheita de tanto amor que deposito ali cotidianamente. Mais do que para mim, que essa colheita fique para esse projeto tão amado por mim. E que a felicidade da conquista seja o orgulho de nos mantermos enquanto família Comunidade. Obrigada UFRJ. Obrigada Comuni.

Obrigada aos meus alunos, meus coordenadores e meus colegas.

Hoje eu sou só amor...”

“Sigo apaixonada pela mulher que batalhei para ser.”



“Eu sou uma longa história.”

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo investigar as linhas de ação do Projeto Comunidade, com a finalidade de legitimar a importância da existência e da manutenção dos espaços de atuação dos projetos de extensão dentro da Universidade. Como objetivos específicos, o trabalho dispõe-se a: Investigar o funcionamento e a interação do projeto com bolsistas e voluntários (professores, monitores e produtores no mesmo); Ratificar a relevância da vivência na Extensão para a graduação de bolsistas e voluntários; Analisar as práticas e experiências, a partir: dos relatos feitos semestralmente pelos alunos do projeto sob orientação do bolsista e/ou voluntário e pelos bolsistas/monitores em seus relatórios mensais, vídeos e eventos para salientar a importância da Extensão universitária não somente pelo viés da troca de saberes entre a academia e a sociedade, mas também para evidenciar a sua relevância na produção de atividades que podem complementar e fundamentar os processos de ensino e a capacitação profissional dos alunos envolvidos, por ser comum nesse espaço a proposição de novas práticas, pesquisas acadêmicas e práticas que se desdobram na construção de novas modalidades, metodologias e propostas investigativas decorrentes dos subsídios gerados pelos encontros com os diferentes grupos com os quais o projeto mantém parceria.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão universitária; Comunidade; Comunidade; Troca de saberes.

ABSTRACT:

The present work has as objective to investigate the lines of action of the Comunidade Project, with the purpose of legitimizing the importance of the existence and maintenance of the spaces of action of extension projects within the University. As specific objectives, the work is: To investigate the operation and the interaction of the project with fellows and volunteers (teachers, monitors and producers in the same); To ratify the relevance of the experience in the Extension for the graduation of fellows and volunteers; Analyze the practices and experiences, based on the reports made biannually by the students of the project under the guidance of the fellow and / or volunteer and the scholars / monitors in their monthly reports, videos and events to highlight the importance of university extension not only by the bias of exchange of knowledges between academia and society, but also to highlight their relevance in the production of activities that can complement and substantiate the teaching processes and the professional qualification of the students involved, since it is common in this space to propose new practices, research academic and practical aspects that unfold in the construction of new modalities, methodologies and investigative proposals deriving from the subsidies generated by the meetings with the different groups with which the project maintains partnership.

KEY WORDS: University extension; Comunidade; Community; Exchange of knowledge.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I: A extensão Universitária	19
1.1 – Projetos de extensão	23
1.2 – A extensão na UFRJ	25
CAPÍTULO II: O Projeto Comunidade	27
2.1 – O surgimento	30
2.2 – O funcionamento	31
2.3 – A extensão no Comunidade	33
2.4 – As modalidades de dança e suas aulas	36
2.5 – O Samba no pé na grade de horários	38
CAPÍTULO III: O Estágio Docente obrigatório e complementar	42
CAPÍTULO IV: Paralelo entre o Comunidade e o Estágio Docente	46
CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA UTILIZADA	50
ANEXOS: AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM	68
LISTA DE TABELAS DE ILUSTRAÇÕES – IMAGENS:	
Imagem 01: Aula Núcleo de Artes Nise da Silveira.....	33
Imagem 02: Aula CRM	34
Imagem 03: Aula prédio EEFD	35
Imagem 04: Aula aberta (Workshop) prédio CCS	35
Imagem 05: Semana de Integração Acadêmica 2018.....	36
Imagem 06: Aula regular turma de samba no pé	40
Imagem 07: Alunos na quadra esportiva CAp/UFRJ	42

Imagem 08: Escola de Educação Infantil UFRJ (EEI-UFRJ)	44
Imagem 09: Projeto de Extensão Para Todos (Dança-UFRJ)	45
Imagem 10: Projeto de Extensão Arriscado (Dança-UFRJ).....	46

LISTA DE TABELAS DE ILUSTRAÇÕES – FIGURAS:

Figura 01: Organograma PR-5/UFRJ	25
Figura 02: Manifestação	29
Figura 03: Quadro de modalidades e horários Comunidade	32
Figura 04: Quadro de aulas Comunidade 2017.2.....	32
Figura 05: Aula aberta (“Aulão”)	38
Figura 06: Divulgação turma de samba no pé	39
Figura 07: Captura de tela plano de aula turma de samba no pé 2018.1	41

ANEXOS.

Anexo 01: Depoimentos sobre o Projeto Comunidade	53
Anexo 02: Imagens de eventos – Mostras, Workshops, Seminários, Bailes, Dias de Inscrições	55
Anexo 03: Depoimentos sobre o Samba no Pé no Comunidade	59
Anexo 04: Imagens sobre o Samba no Pé no Projeto Comunidade	62
Anexo 05: Imagens do processo de pesquisa (Fóruns de Extensão e reuniões de monografia)	63
Anexo 06: Imagens sobre o Projeto Comunidade: Participação em Jornadas e Seminários, Reuniões, Aulas do projeto, Dias de Inscrições, Entrega de doações, Processo de produção de foto e filmagem divulgados nas mídias sociais, Artes de divulgação, Aplicação da extensão	64

“Qual memória você vai criar hoje?”

INTRODUÇÃO:

Refletir sobre a relevância dos projetos de extensão se faz necessário para toda a sociedade. Partindo da ideia de que um projeto de extensão não só contempla a universidade qual o mesmo está inserido, mas também toda a sociedade com a qual o projeto dialoga, é urgente que a temática extensionista seja cada vez mais discutida em amplo debate com linguagem acessível a todos que queiram entender mais sobre como um projeto de extensão universitária funciona, quais indivíduos da sociedade estão envolvidos/são contemplados por sua ação e de que forma ele pode não somente contribuir com o público em geral, mas principalmente de que forma essa experiência na extensão universitária é fator fundamental na formação do aluno bolsista e do aluno voluntário nesses projetos.

Levantar hipóteses acerca da possibilidade de contribuição da extensão universitária para o aluno universitário e a sociedade é crucial para criar uma linguagem horizontal sobre o que de fato se constitui um projeto de extensão, o que fazem, do que são capazes, como participar e garantir uma aproximação entre a academia e o público. Questões sobre:

- As possibilidades de atuação prática nos espaços dos projetos de extensão (quais os benefícios de se atuar em um projeto de extensão? De que forma esses projetos podem contribuir para a formação do aluno? Será que destinar carga horária exclusivamente para extensão universitária é benéfico?);

- O diálogo entre a academia e a sociedade (quais garantias de diálogo a universidade possibilita? Existe a possibilidade de diálogo com pessoas plurais com diversidades sociais, culturais, religiosas entre outras, em um mesmo ambiente propiciado pelas ações de extensão?)

- A relevância para a formação (Participar de um projeto de extensão é fundamental para a minha formação? O que a experiência de participar de projetos de extensão universitária pode contribuir para minha formação?)

A importância desse estudo justifica-se pelo fato de não termos uma política nacional que coloque a extensão universitária como um dos fatores primordiais para a formação de seus alunos e que eleve suas atividades, portanto é inadiável discutir sobre a extensão universitária e suas ações em um formato que seja de fácil compreensão para todo e qualquer indivíduo da sociedade que possa se interessar não somente a conscientização do que são projetos de extensão universitária, mas também a fazer parte deles.

Utilizando como objeto de estudo o projeto de extensão Comunidade, desenvolvido na Universidade Federal do Rio de Janeiro, esse trabalho narrará as experiências práticas da equipe do projeto abordado registrando seus pontos de vista e suas experiências inicialmente através da metodologia qualitativa. Para DESLAURIERS (1991), na pesquisa qualitativa, o aluno é tanto sujeito quanto objeto da sua pesquisa. Isso acontece porque o conhecimento deve ser parcial e limitado, uma vez que o desenvolvimento da pesquisa é algo imprevisível. Assim, o resultado deve ser capaz de produzir novas informações. Em um segundo momento, será utilizada a pesquisa de campo com os fazedores e praticantes do projeto Comunidade. De acordo com GONÇALVES (2001), a pesquisa de campo exige que o pesquisador tenha um encontro muito mais direto com a população pesquisada. Somente assim, reúne informações concretas para serem documentadas. Neste contexto, trago ao longo da escrita um apanhado de informações acerca do projeto que atende em média, 1.000 pessoas por período semestral (universitário) e visa aproximar os acadêmicos de diferentes cursos e a comunidade do Rio de Janeiro através de aulas regulares de dança.

Com o objetivo de registrar a dimensão do Projeto Comunidade para a comunidade UFRJ e seus espaços de extensão, o trabalho a seguir problematizará questões pertinentes à extensão universitária para propor novos diálogos e práticas extensionistas e ratificar a importância do espaço que o projeto ocupa dentro da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Aproveito para acrescentar uma pequena lista de alguns projetos de extensão existentes na UFRJ hoje e o que eles proporcionam a quem participa do mesmo para que possamos começar a ter dimensão do que é um projeto de extensão universitária e como ele atua:

- **Pré-vestibular Samora Machel¹**: Pré-vestibular comunitário com mais de 100 aprovações de alunos em Universidades Públicas, atende a comunidade do entorno na Universidade. (Situado no prédio Centro de Ciências da Matemática e suas Naturezas – CCMN)
- **Escola de Música de Manginhos²**: ensina música a crianças, jovens e adultos da Comunidade de Manginhos. (Realizado pela Escola de Música da UFRJ)
- **Educação Física na Baixada Fluminense: autonomia e construção de conhecimento³**: Projeto que fomenta a criação de espaços de construção e conhecimento dentro de escolas municipais da Baixada Fluminense/RJ, e dá autonomia para os alunos que recebem a aplicação

¹ Fonte: <https://www.facebook.com/PreSamora/> visitado em 20/06/2018.

² Fonte: http://sigproj1.mec.gov.br/apoiados.php?projeto_id=138363 visitado em 20/06/2018.

³ Fonte: <https://www.facebook.com/eefdbaixada/> visitado em 20/06/2018

da extensão no desenvolvimento de produção de cultura e para os agentes da extensão proporciona espaços de reflexão sobre a prática docente, através da organização do “Fórum Educação Física e Sociedade”. (Situado no prédio da Educação Física e Desportos – EEFD).

- **Assistência Social e Inclusão Produtiva: Brasil Sem Miséria e Rio Sem Miséria⁴**: Em parceria com a Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos (SEASDH/RJ), uma das principais atividades do projeto, é o Programa Renda Melhor Jovem, que oferece estímulo financeiro a jovens das regiões Fluminense, Baixada Fluminense e Capital do Rio de Janeiro para que permaneçam na escola e concluem o ensino médio, analisando a relação entre a política de assistência social e a política de inclusão produtiva que afeta esses participantes do projeto, a partir do acompanhamento dos Planos Brasil Sem Miséria e Rio Sem Miséria criados pelo Governo. (Realizado pela Escola de Serviço Social).

- **A Terapia Ocupacional no atendimento a idosos em situação de vulnerabilidade social. O uso de atividades auto expressivas e da abordagem de revisão de vida como recurso terapêutico⁵**: atende idosos com 60 anos ou mais, de ambos os sexos, independentes ou com algum tipo de dependência, que perderam seus vínculos sociais e familiares e tem como proposta utilizar atividades auto expressivas combinadas com a abordagem de revisão de vida em atendimentos grupais para trabalhar questões sociais e psicológicas dos atendidos. É uma parceria entre o curso de Graduação em Terapia Ocupacional da UFRJ e a Secretaria Municipal de Assistência Social do Rio de Janeiro (SMAS). Realizado na Central de Recepção para Idosos Carlos Portela, unidade da SMAS.)

- **Comunicação para iniciativas de interesse social: a experiência integrada da Feira Agroecológica da UFRJ e do Projeto Maré de Sabores⁶**: Realizada por pequenos agricultores de seis municípios do Rio de Janeiro, a feira da UFRJ comercializa diretamente à comunidade universitária seus alimentos agroecológicos, e a feira do projeto Maré de Sabores comercializa sua produção de pães, bolos e massas orgânicas. Ocorre todas as quintas-feiras das 9:00h às 15:00h na entrada principal do Centro de Ciências da Saúde, no hall do prédio da Reitoria e no Bloco A do CT e proporciona a integração e o fortalecimento de movimentos sociais que

⁴ Fonte: http://sigproj1.mec.gov.br/apoiados.php?projeto_id=138567 visitado em 20/06/2018.

⁵ Fonte: http://sigproj1.mec.gov.br/apoiados.php?projeto_id=138898 visitado em 20/06/2018.

⁶ Fonte: <https://www.facebook.com/feiraagroecologicaufrj/> visitado em 20/06/2018.

buscam o empoderamento através do trabalho. (Realizado pelo COPPE - Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia).

- **'É A Vila' - O Projeto de Educação Ambiental na Ilha do Fundão**⁷: Desenvolve atividades de educação ambiental, hortas e jardins na Escola Municipal Tenente Antônio João e busca manter o contato com a associação de moradores da Vila Residencial, a fim de saber conflitos socioambientais presentes, e contribuir para a participação dos moradores em decisões e ações de aprimoramento da qualidade de vida na comunidade, além de realizar grupos de estudos mensais sobre Educação Ambiental disponível para toda a comunidade da Vila Residencial. (Realizado pelos alunos do Instituto de Biologia e Escola Politécnica de Engenharia – UFRJ).

A lista completa de projetos de extensão e suas ações pode ser encontrada no site da Pró-reitoria de extensão da UFRJ (PR-5)⁸.

“A área de extensão vai ter no futuro próximo um significado especial. No momento em que o capitalismo global pretende funcionalizar a Universidade e, de facto, transformá-la numa vasta agência de extensão ao seu serviço, a reforma da Universidade deve conferir uma nova centralidade às atividades de extensão (com implicações no curriculum e nas carreiras dos docentes) e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às Universidades uma participação activa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural.”

BOA VENTURA DE SOUZA SANTOS (2004),

⁷ Fonte: http://sigproj1.mec.gov.br/apoiados.php?projeto_id=107683 visitado em 20/06/2018.

⁸ <https://xn--extenso-2wa.ufrj.br/index.php/94-programaseprojetos> visitado em 20/06/2018.

CAPÍTULO I – A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.

Como primeiras manifestações práticas de atividades de extensão universitária no nosso país aparecem os cursos e conferências realizados na antiga Universidade de São Paulo, em 1911, e as prestações de serviço da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa, desenvolvidos na década de 1920, bem próximo ao surgimento do ensino superior no nosso país, no início do século XX.

Entre as décadas de 1950 e 1960, na União Nacional dos Estudantes (UNE), foram criados movimentos de cunho político e cultural declarados como indispensáveis para a formação das lideranças que o nosso país necessitava, além de manifestarem compromisso social e buscarem uma atuação interprofissional, por meio de recursos que garantiam o pensamento sobre sua prática.

Durante o regime militar, três iniciativas importantes no âmbito da educação ocorreram. As duas primeiras foram a criação do Centro Rural de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC) e a criação do Projeto Rondon que forneceram aos estudantes experiências importantes junto às comunidades rurais, criando espaços de contribuição para a melhoria das condições de vida da população inserida naquele meio. A terceira iniciativa foi a publicação da Lei Básica da Reforma Universitária (Lei n. 5.540/68), onde estabeleceu-se no artigo 20 que as instituições de ensino superior poderiam aplicar cursos e serviços especiais à comunidade, a fim de obter resultados de pesquisa ao proposto aquela comunidade trabalhada e criou assim a extensão universitária. Um dos objetivos da institucionalização da extensão foi o de proporcionar aos discentes oportunidades de participação em programas de melhoria das condições de vida da comunidade e no processo geral de desenvolvimento deles; (...)” (Artigo. 40) (NOGUEIRA, 2005. p.26).

Na primeira metade da década de 1970, foram propostas medidas diretamente ligadas ao fortalecimento da extensão universitária pela comissão mista CRUTAC/MEC – Campus Avançado/MINTER criada pelo Ministério do Interior e o Ministério da Educação e Cultura (MEC) como a criação da Coordenação das Atividades de Extensão (CODAE). Uma das primeiras criações da CODAE, foi o Plano de Trabalho de Extensão Universitária que definiu a extensão como uma ação organizacional dirigida ao atendimento das instituições e populações, com a finalidade de ter um feedback, uma troca entre os saberes populares e os da academia. Nesse ponto de vista, o sujeito das ações extensionistas é a sociedade que abandona o papel de objeto de estudo, auxiliando na construção de avanços relevantes em relação ao

conceito de extensão universitária construída na década anterior (NOGUEIRA, 2005). O plano de trabalho recebeu forte influência das ideias de Paulo Freire em seu livro *Extensão ou Comunicação* (1992).

No auge da ditadura, entre o processo de lutar para criar uma nova democracia e a construção das instituições políticas e sociais, uma concepção de Universidade pública foi criada, o que redefiniu as práticas de ensino, pesquisa e extensão e problematizou o processo de assistência das ações de extensão, fazendo-se perceber a partir de então a extensão universitária como um processo de articulação entre ensino e pesquisa.

Outro marco importante foi a criação do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), em novembro de 1987, abrindo espaço para a redefinição de extensão universitária por parte da comunidade acadêmica. No I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, surgiu um novo conceito para extensão universitária: Processo educativo, cultural e científico que articula indissociavelmente ensino e pesquisa dando suporte a uma relação transformadora entre a Universidade e a sociedade. De acordo com o FORPROEX (1987), a extensão garante à academia o encontro e a oportunidade de praticar seu conhecimento acadêmico junto à sociedade, trazendo de volta à Universidade um aprendizado que jamais seria obtido entremuros. Essa troca de saberes traz uma rica produção de conhecimento no resultado entre o contato com a realidade da sociedade, a partir das experiências com a comunidade nessa troca com o saber acadêmico. Além de fomentar um processo dialético teórico-prático, a extensão é um trabalho interdisciplinar que gera integração social.

A Constituição de 1988, a partir das definições sobre extensão denominadas no FORPROEX, a confirmou como indissociável no que referia-se ensino, pesquisa e extensão (Artigo 207) e estabeleceu possibilidades de apoio financeiro por parte do poder público (Artigo 213, § 2º).

O MEC também estabeleceu novos progressos para a extensão com a criação do Programa de Fomento à Extensão Universitária (PROEXTE), de 1993 que direcionou os objetivos da extensão universitária relacionados aos tipos de ações a serem desenvolvidas e da metodologia a ser adotada em sua implementação.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Lei nº 9.394), de 1996, estabeleceu a extensão universitária como uma das finalidades da Universidade (Artigo 43) e

instituiu a possibilidade de apoio financeiro do Poder Público, inclusive mediante bolsas de estudo (Artigos 44, 52, 53 e 77) debruçada sobre a Constituição.

O Plano Nacional de Extensão (criado e aprovado pelo FORPROEX em 1998), foi criado para basear a institucionalização da extensão dando algumas diretrizes como possibilitar uma unidade nacional aos programas desenvolvidos em diferentes universidades brasileiras; garantir recursos financeiros destinados à execução de Políticas Públicas correlatas (...); reconhecer, pelo Poder Público que a extensão universitária não se coloca apenas como uma atividade acadêmica, mas como uma concepção de Universidade cidadã e viabilizar interferências para solucionar ou minimizar grandes problemas sociais existentes no país (Plano Nacional de Extensão Universitária, 1998, *apud* NOGUEIRA, 2005, p. 92).

Determinando que “no mínimo, 10% do total de créditos exigidos para a graduação no ensino superior no país fosse reservado para que estudantes atuassem em ações extensionistas” (Meta 23 *idem* p.92), o Plano Nacional de Educação, para o decênio 2001-2010 (PNE 2001-2010) (Lei nº 10.172), aprovado em 2001 consolidou mais ainda a extensão e seu lugar dentro da Universidade garantindo a manutenção e a creditação de seu espaço de diálogo, de troca de saberes e findou os estereótipos de que a extensão universitária era

Simplesmente um conjunto de processos de disseminação de conhecimentos acadêmicos por meio de cursos, conferências ou seminários; de prestações de serviços, tais como, assistências, assessorias e consultorias; ou de difusão de conhecimento e cultura por meio de eventos diversos e divulgação de produtos artísticos. (FORPROEX, p 10.).

A partir de um debate desenvolvido nos XXVII e XXVIII Encontros Nacionais, realizados em 2009 e 2010, respectivamente, o FORPROEX definiu às Universidades públicas e à sociedade a extensão universitária como indissociável nos campos de ensino, pesquisa e extensão, conceituando o processo como promotor de relação interdisciplinar, educativa, cultural, científica e política entre a Universidade e a sociedade capaz de promover não somente a prática acadêmica e a transformação da Universidade, mas também a transformação de onde essa extensão age traçando diretrizes primordiais para que essas ações de extensão ocorram, sendo elas a *Interação Dialógica* (parte fundamental da ética das metodologias da extensão universitária. Orienta a troca de saberes entre a academia e a sociedade num sentido igualitário sobre os valores que ambas tem para dialogar de forma que essa troca de saberes contribua para a redução da desigualdade social e para a construção de uma sociedade mais justa, ética, democrática e menos excludente), a *Interdisciplinaridade e Inter profissionalidade* (tem como objetivo o diálogo de diferentes metodologias, áreas de conhecimento e pontos de vista entre

os objetivos da extensão, o objeto dela e seus agentes), a *Indissociabilidade Ensino – Pesquisa – Extensão* (é a diretriz que ratifica a extensão como processo acadêmico dizendo que o vínculo (indissociabilidade) entre as três propostas é o que faz realmente a extensão acontecer a partir do momento em que é produzido (pesquisa) baseado nas experiências proporcionadas pelas ações da extensão e quando ela contribui para a formação dos seus agentes (ensino) colocando-os como atores principais nesse processo e retirando o espaço de “exclusividade” de aprendizado da estrutura física da Universidade, confirmando assim que espaço de aprendizado são todos os espaços em que se apreende e que o docente não é o único professor do processo, sendo todos os agentes da extensão (professor, aluno e comunidade), mestres de algum saber potente para a partilha na extensão universitária), o *Impacto na Formação do Estudante* (propiciar qualidade à formação do estudante possibilitando experiências no seu fazer que somente o processo da graduação, sem a passagem por um projeto de extensão não será capaz de proporcionar) e o *Impacto e Transformação Social* (que pode ser definido como uma potencialização de ações; a capacidade de transformação da sociedade e da universidade (que é parte da sociedade) através da produção de desenvolvimentos e aprimoramentos relevantes para ambos).

Essas diretrizes estabelecem não uma obrigatoriedade, mas sim uma referência para a extensão em momento algum retirando das Universidades sua autonomia em relação aos seus programas, projetos e ações de extensão permanecendo atentos e mutáveis de acordo com a necessidade da Universidade e da sociedade. Contudo, o cuidado em relação a extensão deve permanecer ativo no sentido do seu papel social e democrático nas ofertas à sociedade, além de continuar buscando oportunidades para produção de conhecimento, melhoria no fazer, na ação desses agentes da extensão preparando-os, dando à eles subsídios para aumentar sua capacidade teórico-prática mesmo que seja enfrentado tensões que colocam em xeque a todo momento o espaço e o poder social da extensão como instabilidade em seus financiamentos, o conservadorismo acadêmico (preconceituoso e elitista) que cega os olhares para as necessidades da comunidade ao seu entorno, dentre outros, que podem vir a colocar à Universidade em um penhasco com pedras chamadas isolamento e falta de acesso a realidade social, a colocando em um lugar de cegueira e incapacidade de diálogo às questões mais fundamentais da comunidade ao qual ela está inserida.

Um conhecimento sem uma partilha que não sai dos seus muros, jamais será capaz de auxiliar o desenvolvimento político, social, econômico e cultural da sua sociedade.

1.1 PROJETOS DE EXTENSÃO:

O projeto de extensão universitária é um dos caminhos fundamentais para desenvolver uma formação acadêmica integradora no sentido teórico-prático por ter esse papel comunicador com a sociedade, além de possibilitar troca de saberes contribuindo para a construção de novos conhecimentos. Ele é um espaço privilegiado de produção do conhecimento para as práticas acadêmicas que interligam a Universidade, nas suas atividades de ensino e de pesquisa, com as demandas da maioria da população.

Para os cursos de licenciatura, um projeto de extensão favorece o contato direto para o desenvolvimento e a formação de uma prática docente contextualizada e democrática, ampliando suas experiências no âmbito do ensino-aprendizagem, possibilitando o desenvolvimento de metodologias de ensino que potencializem a sua formação acadêmica.

MENDONÇA e SILVA (2002) afirmam que são poucos os que tem acesso direto aos conhecimentos que a universidade pública gera, e que a extensão universitária é imprescindível para a democratização do acesso a esses conhecimentos, assim como para o redimensionamento da função social da própria Universidade, principalmente se for pública. Ressaltam também que uma das principais funções sociais da Universidade é a contribuição na busca de soluções para os graves problemas sociais da população, formulando políticas públicas participativas e emancipadoras.

Falar de extensão e das atuações de um projeto não é simples como aparenta. Parece pertencermos a um cenário completamente favorável, com espaço de produção acadêmica e indissociabilidade entre ensino, pesquisa, academia e comunidade, já que possuímos um quadro com grande número de projetos extensionistas nas Universidades Brasileiras. Mas a realidade é que a cada dia perdemos espaço dentro das Universidades a partir de medidas de contenção de gastos propostas pelo Governo.

Reafirmar a importância da extensão para a sociedade a qual ela se aplica e garantir esses espaços dentro das universidades é fundamental para mudar o cenário em que nos encontramos.

Uma das medidas estabelecidas pelo Plano Nacional de Educação⁹, em sua estratégia 12.7 – a qual consta nos anexos da lei para que possamos cada vez mais avançar com os projetos de extensão e conquistar benefícios tanto para quem recebe quanto para quem aplica a extensão,

⁹ <http://pne.mec.gov.br/> visitado em 20/06/2018

é o da obrigatoriedade de que, a partir de 2020, os cursos de graduação das Universidades Brasileiras dediquem no mínimo 10% de sua grade curricular a atividades de extensão.

[...] Determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional dos próximos dez anos. O primeiro grupo são metas estruturantes para a garantia do direito a educação básica com qualidade, e que assim promovam a garantia do acesso, à universalização do ensino obrigatório, e à ampliação das oportunidades educacionais. Um segundo grupo de metas diz respeito especificamente à redução das desigualdades e à valorização da diversidade, caminhos imprescindíveis para a equidade. O terceiro bloco de metas trata da valorização dos profissionais da educação, considerada estratégica para que as metas anteriores sejam atingidas, e o quarto grupo de metas refere-se ao ensino superior.

SOUSA (2000) afirma que a extensão é necessária para que a Universidade – o ensino e a pesquisa – esteja articulado entre si e possa ser aplicado de forma útil na sociedade o máximo possível. A Universidade, através da extensão, é influenciada e influenciadora da comunidade, possibilitando uma troca de valores entre a Universidade e o meio. A mesma leva conhecimentos e/ou assistência à comunidade e também aprende com o saber dela. A Universidade pode, assim, planejar e executar as atividades de extensão respeitando os valores e cultura dessas comunidades. As vantagens da extensão são inúmeras: conhecimento da realidade da comunidade em que a Universidade está inserida; prestação de serviços e assistência à comunidade; fornecimento de subsídios para o aprimoramento curricular e criação de novos cursos; fornecimento de subsídios para o aprimoramento da estrutura e diretrizes da própria Universidade na busca da qualidade; facilitação entre integração ensino-pesquisa-extensão; possibilitar a integração universidade – comunidade, dentre outras.

A extensão, portanto, juntamente com seus projetos pode ser considerada indispensável na formação do aluno, na qualificação do professor e no contato com a sociedade, gerando relações inter, multi e transdisciplinares e a conquista da obrigatoriedade da extensão no currículo das graduações poderá provocar uma mudança na realidade das Universidades, seja pelo maior engajamento dos alunos nestas atividades, seja pelo aumento dos recursos concedidos a elas.

Teresinha Heck Weiller, Pró-reitora de Extensão da UFSM, em fala no evento Diálogos com a Extensão, promovido pela UFSM, no dia 26 de novembro de 2014, no auditório do Colégio Roncalli afirma a relevância dessa decisão:

A curricularização da extensão vai tirar o aluno da sala de aula e levá-lo a interagir com a sociedade, na mesma medida em que ao criarmos grandes

projetos transversais, se produzirá uma interação maior entre as áreas. A instituição só será legitimada se fizer diferença na vida das pessoas. É uma postura ética de uma instituição pública. Sem a extensão, a universidade não é universidade, não cumpre a sua função social.

Debruçada pelas questões teóricas acerca da importância de um projeto de extensão na Universidade, considero pertinente a escuta sobre a influência do projeto Comunidade na formação do bolsista e voluntário ajudando-o a estabelecer ligações entre o seu entender a docência e a sua aplicação, no desenvolvimento das práticas docentes para cada turma, aluno e atividades extensionistas a serem encontradas em cada período e modalidade de dança oferecida pelo projeto e como é relevante esse espaço para auxílio na preparação para a realidade da educação extramuros da Universidade.

1.2 A EXTENSÃO NA UFRJ:

Coordenada pela Pró reitoria de Extensão UFRJ (PR-5), a Universidade possui seu Fórum de Extensão dos Centros e Unidades da UFRJ sempre às quartas-feiras com convocação dos coordenadores de extensão de Centros e Unidades e aberta aos coordenadores de ações de extensão e a comunidade acadêmica em geral. Ela também disponibiliza em seu site¹⁰ o organograma da PR-5 que estrutura hierarquicamente o funcionamento da Pró-reitoria, além de suas divisões para atender todas as necessidades da Universidade e sua comunidade acadêmica.



Figura 01: Organograma PR-5/UFRJ

¹⁰ <https://xn--extenso-2wa.ufrj.br/index.php> visitada em 20/06/2018.

A Universidade também classifica os projetos de extensão existentes nela como Programas Articulados¹¹ e os divide em 08: Construindo Cidades Humanas e Saudáveis; Articulação Campo-Cidade; Cuidando da Vida: Metabolismo Natural e Metabolismo Social; Expressões e Linguagens: Saberes em Movimento; Transformação das Forças Produtivas Sociais; Educação Pública, Formação Permanente e Educação Popular; Internacionalismo, Identidades e Prazer; Memória Cultural, Social e da Terra e Ações Emergenciais.

Além disso, também fornece cursos de extensão que são organizados em quatro programas de formação: Programa de Formação Continuada de Profissionais de Educação de Rede Pública de Ensino Básico; Programa de Formação Continuada de Servidores Públicos; Programa de Educação Popular e Programa de Formação Profissional.

A UFRJ, se baseia nas definições do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX, 2010) para conceituar a extensão:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade.”

O projeto Comunidade está atualmente enquadrado como XXXXXX. A extensão no projeto será abordada posteriormente, no capítulo dedicado ao mesmo.

¹¹ <https://xn--extenso-2wa.ufrj.br/index.php/programas-articulados-e-programas-de-formacao/programas-articulados> visitado em 20/06/2018.

CAPÍTULO II – O PROJETO COMUNIDANÇA:

De acordo com a Plataforma do Sigproj/MEC o projeto é classificado da seguinte forma:

O projeto Comunidança – Dança para a comunidade acadêmica da UFRJ tem por característica o oferecimento de atividades práticas em dança de diferentes estilos como Forró, Dança de Salão, Salsa, Zouk, Stiletto, Samba, Frevo, Sapateado, Danças Urbanas, Dança do Ventre, Dança Contemporânea, Danças Folclóricas e Balé, abertas à comunidade interna e externa, criando ao mesmo tempo, núcleos alternativos de monitoria e estágio na própria UFRJ. Estes núcleos têm como objetivo capacitar o aluno do Bacharelado em Dança, Licenciatura em Dança, Teoria da Dança, Licenciatura em Educação Física e Bacharelado em Educação Física para a operacionalização do ensino, pesquisa e criação em dança, junto às diferentes realidades e frentes de trabalho. Esse espaço de investigação tem se apresentado como muito fértil tanto para a produção de trabalhos científicos quanto ao atendimento específico à comunidade interna e externa da UFRJ nos intervalos entre os turnos de aula. Esse projeto é realizado pelo Departamento de Arte Corporal e mantém uma parceria com o CCS e promove uma coordenação compartilhada entre professores e alunos.¹²

Para o objeto da extensão, o participante que pratica regularmente as aulas disponibilizadas, o Projeto Comunidança experimenta não apenas um espaço para a prática da dança, mas espaços de diálogos e interação entre pessoas múltiplas, com múltiplos saberes. Propicia espaço para promoção de saúde, bem-estar e entretenimento, trabalhando questões culturais, sociais e de autoestima. Como nas aulas de Stiletto, ministradas pela professora Amanda Santana por exemplo, que além de abordar a dança no salto, traz conexões entre a dança e o olhar para o corpo trabalhando conceitos norteados pela psicologia para trabalhar questões inerentes a não aceitação de si e seu corpo na sociedade.

Em relação à construção de pesquisas no projeto, temos as aulas de Experimental ofertadas pelo professor Thiago Nunes, que surgiu a partir de suas pesquisas em dança em um paralelo entre os saberes já adquiridos nas suas experiências de vida e os saberes que a formação acadêmica o proporciona. Contrapondo os dois, em uma pesquisa corporal para conhecimento e experimentações do corpo enquanto potência de movimento, essa modalidade de dança está sendo construída, sua elaboração e desdobramento, e sendo oferecida ao público transformando o que era uma pesquisa de cunho pessoal do bolsista para uma pesquisa coletiva, o Experimental.

¹²http://sigproj1.mec.gov.br/projetos/imprimir.php?modalidade=1&projeto_id=267770&local=home&modo=1&original=1 visitado e, 02/06/2018

Trago em destaque essas duas modalidades de dança com a intenção de exemplificar a potência da via de mão dupla nos projetos de Extensão e especificamente o que ocorre aqui no Comunidança. Nele a comunidade recebe expressões estéticas a partir da construção acadêmica e de formação e experiências de vida anteriores ao ingresso acadêmico do bolsista e o bolsista aprende com a comunidade o conhecimento que circula sobre a dança nas periferias, agregado de toda uma experiência de vida local que influi diretamente sobre a forma como vai ser direcionada o processo de ensino e pesquisa a ser desenvolvido. Por termos braços com clientelas distintas essa experimentação se complexifica, impelindo o bolsista para o desconhecido, local fora da zona de conforto, para gerenciar, criar e atender às demandas surgidas em cada grupo. Durante as pesquisas que estamos desenvolvendo percebemos a aproximação dos campos dos saberes popular com o acadêmico na produção de algo relevante para todos, que varia desde o conhecimento em si, atualizado pelos desejos e anseios da comunidade, até ao prazer em realizar o ato de dançar.

O projeto assume para seus agentes de extensão, seus bolsistas e voluntários que são a engrenagem e que fazem o projeto de fato acontecer, um papel agregador na formação do graduando, especialmente o licenciando por fornecer subsídios para pensar novas possibilidades e estratégias de abordagens, de metodologias de ensino, posturas e práticas docentes diferentes das aprendidas na sala de aulas e das que o estágio contempla. As aulas dadas no Comunidança, que é aberto para qualquer pessoa acima de 17 anos que queira se inscrever voluntariamente e participar ativamente das aulas de dança, acaba se tornando um espaço laboratorial de práticas de docência entre o campo da dança e da educação.

Apesar do projeto ter uma estrutura muito parecida com o de uma academia de dança¹³, ele propicia experiências diferenciadas e contextualizadas para atender à um público diversificado, múltiplo. Fora dos muros da Universidade a demanda de atividades oferecidas (principalmente as custeadas) é incalculável e o público que o procura as academias e demais locais que ofertam a dança é bem específico: ele está indo diretamente a esse local em busca de algo concreto que ele já procurou saber, já tem certo entendimento sobre. São pessoas que querem passar por um processo que visa principalmente a técnica, a diversão ou a companhia e o que desejam é previamente reconhecido por todos que para lá se dirigem. O que estou querendo dizer é que na grande maioria das vezes, a pessoa que procura qualquer tipo de

¹³ As palavras academia de dança serão utilizadas para tratar todos os espaços que fornecem aulas de dança como centros, espaços, núcleos de dança, entre outros.

atividade paga próxima ao seu trabalho ou a sua casa é alguém que está atrás de algo bem específico que ela já procurou saber antes como funciona e se interessou previamente por aquilo, afinal, ela investe seu dinheiro nessa atividade, enquanto que o público que é recebido no Projeto Comunidade, além de ser esse público que o procura para exercer as atividades disponibilizadas por ele com uma instrução prévia (geralmente eles consultam o perfil do projeto nas mídias sociais), é também um público que está à procura de algo para ocupar seu tempo ocioso entre uma aula e outra, ou para acompanhar um amigo ou por curiosidade de fazer já que as aulas oferecidas são gratuitas. Coisa que a gente não vai encontrar no mercado.

Nesse sentido, o projeto coloca seus agentes (bolsistas e voluntários) para pensar a todo momento seus formatos de abordagem ao público e repensar novos modos para isso, pois a cada semestre esse público se modifica e novas formas de abordagem se fazem necessárias para atender e manter um público composto por pessoas que de fato querem dançar e por curiosos que nem sempre estão nos procurando com a intenção de desenvolver um trabalho sério que implica uma constância e dedicação. Fator complicador para a construção das nossas abordagens pedagógicas.



Figura 02: Manifestação.

2.1 – O SURGIMENTO:

Recorremos ao relato oral atrelado ao registro textual original do projeto visando compor a história do seu surgimento. Foi colhido para tal o relato do professor Frank Wilson Roberto, um dos idealizadores do Comunidade:

Durante mais de 15 anos, a Escola de Educação Física e Desportos foi responsável pelo oferecimento de atividades aos alunos dos diversos cursos da Universidade que tinham em seu currículo duas disciplinas obrigatórias, Desportiva I e II. A obrigatoriedade desta oferta veio atrelada a outras tantas iniciativas oriundas da Reforma Universitária de 1968, que, dentre outros aspectos que não são foco deste trabalho, proporcionou “o aumento de programas de extensão, atividades desportivas, culturais e cívicas, que viabilizassem a “ocupação” do corpo discente.” (ANTUNES et al, 2011).

Todos os departamentos da EEFD ofereciam aulas de diversas modalidades, envolvendo os professores e alunos monitores. Essas aulas, além de se constituírem como um espaço para a promoção da saúde, integravam e aproximavam toda a comunidade acadêmica da UFRJ. A partir dos anos 1990, com as reformas curriculares nos cursos de graduação, esse espaço deixou de existir e impossibilitou o contato dos demais alunos da UFRJ com a excelência de ensino da EEFD. Esse fato provocou um retrocesso importante em um espaço que servia tanto como área de pesquisa, quanto de formação profissional dos alunos de Licenciatura em Educação Física. Como uma nova alternativa e para dar conta desses espaços, os departamentos da EEFD criaram projetos com aulas de Natação (Projeto Aquavida), Musculação, Capoeira, Judô, entre outros.

Visando atender a uma demanda apontada pela constante procura das atividades de dança, o Departamento de Arte Corporal deu início em 2004 a uma parceria com alunos de cursos diversos, interessados em ocupar esse tempo ocioso com a oferta de modalidades de dança que estavam destacadas no mercado. Assim, surgiu inicialmente, o Forró do Fundão, com o oferecimento de aulas desta modalidade, que logo foi desdobrada em outras como o Samba, e divisão de turmas entre iniciantes e alunos com maior experiência. Neste momento, estava em destaque um fenômeno relacionando essa dança tradicional brasileira – o Forró – com a juventude universitária que aliava a prática da dança de pares em seus espaços de lazer: o Forró Universitário, com uma nova dinâmica logo encampada por esses jovens.

Desde então, tendo a colaboração dos professores do Departamento, como a professora Rozane Tardin na elaboração de um projeto formal apresentado à Pró-Reitoria de Extensão no edital do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX), o projeto cresceu vertiginosamente, sendo somente limitado pelas questões de espaço físico e recursos materiais.

Uma das características originais do projeto foi a realização de iniciativas de solidariedade como a arrecadação de alimentos, livros infantis, agasalhos e brinquedos a serem doados para instituições que atendem a população em situação de risco social. Outra característica que ficou como uma marca importante foi a realização de bailes regulares como

forma de interação social entre todos os alunos, além da participação em mostras de dança tanto internas quanto externas.

Como um espaço acadêmico, a preocupação com a relação entre ensino e pesquisa tem sido uma constante, com a produção do material na forma de artigos, monografias e dissertações.

Desde então, diversas modalidades de práticas corporais foram inseridas, visando atender a uma variedade de perfis, tanto dos alunos que se propunham a atuar como monitores das disciplinas quanto dos estudantes que, diante da realidade de permanecer uma carga horária grande na Cidade Universitária, passaram a encontrar no projeto o atendimento aos seus anseios e desejos. Essas características permanecem até o presente momento, sendo adaptadas à realidade atual, com a inserção de novas práticas e a supressão de outras com pouca adesão.

O projeto tem buscado ampliar suas linhas de ação e atender a outros públicos. Participou efetivamente de diversas edições do programa UFRJMar, nas cidades litorâneas do Rio de Janeiro, passou a ofertar aulas para as mães do Clube Escolar da EEFD, que permaneciam ociosas aguardando seus filhos(as) em suas atividades, e, com a coordenação da professora Denise de Sá, técnica-administrativa do Departamento, alcançou a rede pública de ensino, o Centro de Referência da Mulher Suely Souza de Almeida e a Escola de Educação Infantil da UFRJ.

2.2 – O FUNCIONAMENTO:

O projeto dispõe de grade horária fixa, porém o quadro de aulas é completamente maleável e adaptável a cada semestre estudantil. Formada de acordo com a disponibilidade da equipe que compõe o Comunidade junto às exigências da aplicação da extensão e das 20H semanais que todo projeto de extensão da UFRJ precisa cumprir (no projeto ocorrem reuniões semanais toda sexta-feira pela manhã), as aulas são oferecidas de segunda à sexta-feira, nos horários de 12:00 às 13:00 e 17:00 às 18:00 em três prédios da Universidade dentro do Campus Fundão: Escola de Educação Física e Desportos (EEFD), Clube Escolar (EEFD), Centro de Ciências da Saúde (CCS) e Centro de Referência para Mulher Suely Souza de Almeida (CRM). E semestralmente são oferecidas oficinas no Núcleo de Artes Nise da Silveira (NANS).

Cada modalidade de dança oferta duas aulas na semana com duração de uma hora cada. Baseado nessas informações, cada professor demonstra sua disponibilidade e a grade horária é montada. Após, no contato entre a produção do projeto e os departamentos dos prédios onde as aulas

acontecem, as disponibilidades dos professores são confrontadas com as disponibilidades das salas e locais para que cada professor seja alocado em um espaço físico conforme seus dias e horários pré-determinados e então o quadro de salas e a grade horária que será posteriormente disponibilizada para a comunidade é criada.



HORÁRIO	MODALIDADE	DIAS	PROFESSOR	LOCAL
12H	CONTEMPORÂNEO	SEG E QUA	LUCAS SANTOS	EEFD - SALA 340
12H	STILETO	SEG E QUA	AMANDA SANTANA	EEFD - CORTIÇA
12H	DANÇA DO VENTRE	SEG	NATHALIA LEITE	CRM, SALA DE DANÇA
12H	HIP HOP FUNK	SEG E SEX	ROBERTO SOLI	EEFD - SALÃO /GRD
12H	BALLET	TER E QUI	JHELLY FURTADO	CRM, SALA DE DANÇA
12H	ZOUK MÓDULO 2	QUA E SEX	RICH	EEFD - SALA 330
17H	JAZZ	SEG E QUA	MARCELO AUGUSTO	EEFD - SALA 322
17H	TRIBAL FUSION	SEG E SEX	THAISA MARTINS	EEFD - SALA 318
17H	EXPERIMENTAL	SEG E QUA	THIAGO NUNES	EEFD - SALA 330
17H	ZOUK MÓDULO 1	SEG E QUA	JERONIMO	EEFD - SALA 340
17H	HIP HOP	TER EE QUI	JACKELINE KAREN	EEFD - SALÃO
17H	SAPATEADO	TER E QUA	MARIANA BORGES	EEFD - CORTIÇA
17H	DANÇA MODERNA	TER E QUI	CAMILA REIS	EEFD - SALA 340
17H	FORRÓ MÓDULO 1	TER E QUI	CAYUS	CCS- QUINHENTÃO
17H	FORRÓ MÓDULO 2	QUA E SEX	BRENDA ANTUNES	CCS- QUINHENTÃO
17H	SAMBA NO PÉ	TER E SEX	NATY MENEZZES	EEFD - SALA 322
17H	VOGUE	QUA E SEX	LUCAS FONSECA	EEFD - SALA 318/330

Figura 03: Quadro de modalidades e horários Comunidança¹⁴.

12H

ROBERTO SOLI HIP HOP - SEG HIP HOP FUNK - SEX	AMANDA SANTANA STILETTO SEG E QUA	TAMIRES SERPA BALLET SEG E QUA
MATHEUS HENRIQUE CONTEMPORÂNEO TER E QUI	RICH GOMES ZOUK INTERMEDIÁRIO QUA E QUI	

17H

LUCAS FONSECA VOGUE SEG E QUA	JERONIMO SILVA ZOUK SEG E QUA	CARLOS ASSIS SAMBA TER E QUI	THIAGO NUNES HIP HOP - TER E QUI EXPERIMENTAL - QUA	CAYUS NASCIMENTO FORRÓ TER E QUI
NATHALIA LEITE DANÇA DO VENTRE TER E QUI	JADE E MARCELO JAZZ TER E QUI	MARIANA BORGES SAPATEADO QUA E SEX	NATY MENEZZES SAMBA NO PÉ QUA E SEX	

Figura 04: Quadro de aulas Comunidança 2017.¹⁵

¹⁴(<https://www.facebook.com/comuniufrj/photos/a.863589377040434.1073741829.858320264234012/1703376923061671/?type=3&theater>)

¹⁵<https://www.facebook.com/comuniufrj/photos/a.861408353925203.1073741828.858320264234012/1494853223914043/?type=3&theater>

2.3 – A EXTENSÃO NO COMUNIDANÇA:

A extensão executada pelo projeto ocorre em quatro locais físicos diferentes, com características práticas similares, mas com objetivos distintos. São eles:

- **Núcleo de Artes Nise da Silveira:**

Situado na Escola Municipal Orozimbo Nonato, em Higienópolis, zona norte do Rio de Janeiro, a atuação da extensão ocorre durante o primeiro e segundo semestres da graduação em um dia da semana previamente escolhido e informado pelo (a) professor (a) do Núcleo.

Os participantes do projeto se dividem de acordo com os horários das atividades do Núcleo e oferecem as mesmas linhas de dança que são ofertadas regularmente nos outros espaços de atuação do projeto, mas com o caráter de oficina ou workshop. Os alunos do Núcleo tem a possibilidade de participar de todas as aulas que são planejadas exclusivamente para eles.



Imagem 01: Aula de danças populares no Núcleo de Artes Nise da Silveira.

- **Clube Escolar Fundão:**

Situado na Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) no Campus Fundão, a aplicação das práticas extensionistas se dá em uma oficina de dança semanal oferecida para as mães dos alunos do ensino fundamental público do município do Rio de Janeiro que participam das aulas oferecidas pelo Clube Escolar e que residem nas comunidades do entorno do Campus Fundão abrindo um espaço importante de ação e intercâmbio. Iniciaremos no segundo semestre

também ações com as crianças com a modalidade de sapateado, ofereceremos uma oficina que ocorrerá uma vez por semana durante todo o restante do ano letivo.

- **Centro de Referência para Mulheres Suely Souza de Almeida (CRM):**

Localizado na Prefeitura Universitária da UFRJ, o CRM tem como principal objetivo fornecer todo tipo de atendimento para mulheres em situação de violência, além de subsidiar pesquisa e extensão na área de políticas públicas em direitos humanos para as mulheres investido na formação de quadros (graduação). Nesse espaço, a atuação do Comunidade se dá oferecendo modalidades de dança abertas na grade horária geral, porém com o olhar direcionado aos aspectos psicológicos e sociais em que essas mulheres estão inseridas.

As aulas oferecidas pelo projeto dentro do CRM são abertas para todos, mas o cuidado com o diálogo entre as mulheres atendidas pelo Centro e os outros alunos inscritos nas aulas disponibilizadas no local é um dos fatores principais de cuidado na elaboração dos planos de curso e aula dos professores do projeto atuantes no Centro de Referência para Mulheres.



Imagem 02: Aula de balé no CRM.

- **Campus Fundão:**

Divididas em dois prédios – Escola de Educação Física e Desportos (EEFD), local onde se situam as graduações em Dança e no Centro de Ciências da Saúde (CCS) – as linhas de dança do projeto são ofertadas no mesmo molde da citada acima e com os mesmos horários, a principal diferença é o público alvo que são a comunidade UFRJ (discente, docentes, técnicos...), o entorno (contemplando os bairros próximos a Universidade e os moradores da Vila Residencial localizada dentro do campus) e qualquer indivíduo que queira voluntariamente se inscrever para realizar as práticas oferecidas pelo projeto que residam no Estado do Rio de Janeiro.



Imagem 03: Aula no prédio EEFD.



Imagem 04: Aula aberta (Workshop) no prédio CCS.

Para realização dessas atividades, o projeto conta, porém, com tão somente 03 (três) bolsas de projetos de extensão (PROFAEX) em uma equipe composta atualmente por 32 participantes, sendo 02 (dois) deles, os coordenadores: um técnico e um professor do Departamento de Artes Corporais das graduações em dança.

Atualmente, uma bolsa no valor aproximado a R\$400,00 reais é dividida para cada 2 participantes do projeto, logo, seis participantes são contemplados pelo recebimento da bolsa em um total de 30.

As bolsas passam por todos os alunos numa espécie de rodízio que acontece geralmente a cada seis meses para que todos os participantes em algum momento sejam contemplados a receber metade de uma bolsa em um período mínimo de seis meses. Com isso, podemos concluir que em um quadro de 30 participantes que dividem as funções de produção, professor e monitor, num esquema onde as bolsas são divididas, 24 dos 30 participantes realizam suas atividades de forma voluntária.

2.4 – AS MODALIDADES DE DANÇA E SUAS AULAS:

A escolha das modalidades de dança a serem ministradas é feita antecipadamente a partir das audições para professores que ocorrem habitualmente no início de cada período tendo em vista que as aulas do projeto começam na semana posterior a primeira semana de aulas da faculdade (que geralmente é tomada pela semana de integração acadêmica¹⁶) ou próximo ao término do período letivo para que os professores aprovados entrem na grade horária do período seguinte.



Imagem 05: Semana de Integração Acadêmica 2018.

Não há uma escolha nem convocação prévia de modalidades de dança específicas para compor o quadro de aulas. Essa hipótese acontece somente quando é preciso substituir um professor de uma linha de dança já existente no quadro de aulas. Nesse caso, o candidato à vaga

¹⁶ Semana de Integração Acadêmica: Evento que ocorre na primeira semana de aula onde a ementa do curso é apresentada junto com o corpo docente, os espaços físicos da graduação em dança, além de explicações pertinentes sobre como funcionam as três graduações: licenciatura, bacharel e bacharel em teoria da dança, horários e aulas.

participa do processo da audição para ser aprovado, caso contrário, a linha de dança não será oferecida enquanto não houver candidatos aprovados para ministrarem essa aula.

O formato da aprovação é acessível e ocorre de acordo com a relação entre procura e demanda: O processo de audição é aberto com um chamamento público nas mídias sociais do projeto; os candidatos se inscrevem previamente por e-mail (preenchem uma ficha pronta composta por currículo e disponibilidade de dias e horários); o projeto recebe inscrições de todo e qualquer tipo de modalidade de dança; os currículos são previamente analisados para caráter eliminatório (são eliminados os candidatos que não tem disponibilidade para os dias e horários que o projeto atende seu público e/ou que não podem comparecer ao cumprimento das 20h exigidas para a aplicação da extensão); os candidatos selecionados são convocados via e-mail para a audição presencial; a audição é realizada com os alunos do projeto enquanto participantes das aulas (também é feito um chamamento público para angariar um número de participantes considerável) e os professores e a coordenação do projeto como banca avaliadora; após todos os candidatos ministrarem suas aulas com um tempo pré-determinado pela produção do projeto, toda a equipe se reúne e debate sobre a experiência de cada candidato e se posiciona a favor ou contra a entrada do mesmo para o quadro de professores do projeto.

Os quesitos levados em consideração para a aprovação dos candidatos são: Sua didática, o domínio da técnica ao que o mesmo se candidatou a ministrar, postura profissional e pontualidade.

As mais diversas modalidades de dança já foram oferecidas pelo Comunidança: Dança contemporânea, Dança do ventre, Dança moderna, Flamenco, Forró, Frevo, Hip-hop, Hip-hop funk, Jazz, Passinho, Salsa, Samba de gafieira, Samba no pé, Sapateado, Stiletto, Tribal Fusion, Vogue e Zouk são alguns exemplos.

Cada professor tem independência para conduzir suas aulas, inclusive convidar professores a oferecer “aulões” nos horários de suas aulas. Nomes conceituados do mercado da dança já passaram pelo projeto e as metodologias aplicadas, variam de acordo com cada professor e suas experiências estéticas adquiridas ao longo do seu trajeto na dança. O Comunidança também fornece autonomia para que esse professor junto do seu monitor (quando há), crie seus planos a partir do que entenderem como mais apropriado para seus alunos, suas aulas e seus conteúdos.



Figura 05: Aula aberta (“Aulão”).

Algumas modalidades são recentes no projeto e aplicadas por professores, alunos da graduação na UFRJ em exclusivo, não necessariamente alunos da graduação em dança. Outras, já se mantêm no projeto a um período maior de tempo, outras são ministradas por professores que são alunos da graduação em dança e suas modalidades de dança no Comunidade dialogam diretamente com os saberes repassados pela formação acadêmica, como a Teoria Fundamentos da Dança¹⁷. Um dos exemplos é a turma de Experimental (linha de dança criada pelo professor Thiago Nunes, bolsista do Projeto Comunidade).

2.5 – O SAMBA NO PÉ NA GRADE DE HORÁRIOS:

“[...] Não sou de brincadeira
Ando pelos sete cantos
Não temo quebrantos porque eu sou guerreira
Dentro do samba eu nasci
Me criei, me converti
E ninguém vai tombar
A minha bandeira.”

Guerreira – Clara Nunes.

O Samba no Pé começou a compor a grade horário do projeto em 2015.2. A vontade de incluí-lo como modalidade surgiu a partir do momento em que percebi (enquanto integrante anterior do projeto – eu entrei como aluna do projeto em 2013.1 e virei monitora em 2014.2 – e tendo como práticas cotidianas a vivência do samba) que dentro da Universidade enquanto

¹⁷ Criado pela professora Emérita da UFRJ, Helenita Sá Earp, a Teoria Fundamentos da Dança (TFD) oriundo do Sistema Universal da Dança (SUD), é uma estrutura em relação a dança com parâmetros definidos (movimento, tempo, dinâmica, espaço e forma), criado a partir de estudos sobre as relações mecânico-motoras e as infinitas possibilidades de um corpo em movimento; corpo e movimento.

pública, democrática, com papel político, social e cultural, e em um projeto que aborda diversas modalidades de dança e que enquanto projeto de extensão tem como objetivo dialogar com a sociedade não trazer partes fundamentais da cultura popular como o samba seria no mínimo uma incoerência.



Figura 06: Arte de divulgação turma de samba no pé.

Inicialmente, oferecido uma vez na semana, as aulas assumiram um papel extremamente prático, muito próximo das práticas de uma academia de dança. A partir das experiências cotidianas da aula, do chão que o projeto proporciona para que possamos pensar e planejar as atividades de acordo com o público-alvo e com diálogo entre os saberes da academia (Universidade) e os saberes populares, uma nova proposta foi sendo construída. Além das expectativas trazidas pelos alunos em relação as práticas, ao aprender a modalidade abordada, comecei a perceber que poderia ir para além de apenas ensinar os alunos a sambar, mas que deveria ensinar o contexto cultural, social, político onde essa modalidade está inserida, sua historicidade e o que o fazer do Samba no Pé pode contribuir para contribuir com a disseminação do Samba de modo geral, alterando consideravelmente a propagação do mesmo para outros espaços além o dos afins.

Tinha em mãos uma potência avassaladora que não tinha me dado conta. O Comunidança me proporcionava apresentar às pessoas como o Samba (em todas as suas formas) podia se dar no mundo, uma das formas mais lindas de se fazer o Samba; o Samba no pé. Eu estava plantando sementes e regando. Semeando constantemente para criar novas árvores que se espalhariam pelo mundo sabendo um pouco do Samba e possivelmente querendo saber mais

e indo para fora da Universidade movimentar o mercado das academias de dança, das escolas de samba e tantos outros meios que podemos encontrar o Samba.

“[...]Hoje em dia é fácil dizer que o samba é nossa raiz. Está chovendo de gente que fala de samba e não sabe o que diz. Por isso, vê lá onde pisa, respeite a camisa que a gente suou. Respeite quem pôde chegar aonde a gente chegou e quando pisar no terreiro, procure primeiro saber quem eu sou. Respeite quem pôde chegar aonde a gente chegou[...]

MOLEQUE ATREVIDO – JORGE ARAGÃO.

Ao longo dos períodos e da experiência cotidiana em ministrar aula, contrapondo com os fazeres enquanto aluna da graduação de licenciatura em dança, senti a necessidade pessoal em incluir as práticas da graduação, os ensinamentos da docência e a teoria fundamentos da dança nas aulas regulares de Samba no pé. O que se deu de forma gradativa, fluida e dinâmica, mas em momento algum, fácil! Trabalhar dinâmicas variadas, as diversas formas capazes de serem produzidas no samba, são alguns exemplos dessa inclusão.



Imagem 06: Aula regular turma de Samba no pé.

Questões pertinentes a nomenclaturas, planos, níveis, parâmetros dos movimentos dentre outros, foram incluídas no planejamento de aula e aplicadas aos poucos, sem resistência alguma por parte dos alunos.

A práxis cotidiana me forneceu subsídios, além de segurança no fazer docente nunca até então experimentado por mim, já que a graduação anteriormente não me forneceu esse espaço de experiência prática, somente teórica. Esse espaço do fazer pela Universidade, só aparece

próximo ao fim do curso, no estágio curricular obrigatório e complementar, no caso da Licenciatura em Dança.

PLANO DE AULA COMUNISAMBA 18.1	
AULA: 01 – Apresentação/Introdução ao conteúdo.	
DATA: 28/03/2018 (Terça-feira).	DURAÇÃO: 60 min.
TEMA: O que é a turma de samba no pé no Comunidade?	
OBJETIVOS/CONTEÚDOS: Conversa sobre as expectativas dos alunos em relação as aulas, o que eles entendem sobre o projeto X o que de fato é o projeto. Apresentar os conteúdos a serem aplicados, as metodologias diferentes a serem utilizadas, falar sobre o TCC e de que forma eles contribuirão para tal. Fazer levantar do que eles entendem por samba no pé (teórico e prático), tirar dúvidas e dar uma “palhinha” da dança.	
MATERIAL: Não esquecer de pegar cabo 2x1 no DAC!!!!	
AVALIAÇÃO:	

Figura 07: Captura de tela plano de aula turma de samba no pé 2018.1.

CAPÍTULO III – O ESTÁGIO DOCENTE OBRIGATÓRIO E COMPLEMENTAR:

Nesse capítulo, abordaremos em específico o estágio fornecido à Graduação em Licenciatura em Dança da UFRJ, não no sentido do ensino propriamente dito, mas para falarmos sobre algumas carências na fase do estágio que os projetos de extensão podem acabar suprimindo por diversos outros motivos. Acredito que essas carências ainda se deem por se tratar de uma graduação recente que ainda caminha em fases de experimentações para chegar cada vez mais perto de um campo de estágio desejável, sólido e que favoreça em absoluto seus licenciandos e suas práticas docentes.

Considerando a graduação e a formação trabalhadas nesse capítulo, encontraremos no campo de estágio obrigatório para essa formação fornecido pela UFRJ, uma situação bem atípica e distante da realidade do sistema educacional da nossa sociedade. O polo de estágio se dá exclusivamente no Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp/UFRJ), uma vertente bem distante do cotidiano da maioria das instituições formais de ensino na Cidade do Rio de Janeiro onde esse licenciando ao estar formado, atuará.



Imagem 07: Alunos na quadra esportiva CAp/UFRJ.

Quase que fugindo a realidade das outras instituições da mesma cidade, aqui temos uma escola pública e de qualidade (localizada em uma zona nobre da cidade, em um bairro com moradores em sua maioria, de classe média alta), mas que atende alunos majoritariamente residentes do entorno. O que presumivelmente se dá por alguns motivos:

- Ser uma escola longe das grandes periferias da Cidade do Rio de Janeiro;

- A entrada do aluno se dá única e exclusivamente por intermédio de sorteio;
- O gasto para um aluno que resida longe da escola é grande com transporte e alimentação (entre outros);
- Responsáveis de alunos muito jovens que precisam os acompanhar levando-os e buscando-os na escola e que ainda precisam chegar cedo e sair tarde do trabalho, não conseguem acompanhar a rotina escolar que a distância e os gastos com ela exigem.

Configurando assim, um cenário de minoria de alunos de classes média e baixa no ambiente escolar do CAp/UFRJ. Ou seja, uma diferença gritante da realidade das instituições públicas de ensino em que de fato a experiência da docência será aplicada por esse licenciando, já que escolas como o CAp/UFRJ são minoria na Cidade.

Outra questão relevante é a de que (até o presente momento) o estágio obrigatório para os alunos da Licenciatura em Dança (que só pode ocorrer no CAp por questões burocráticas) é aplicado nas turmas de Teatro com professores formados em Artes Cênicas (que ocupa a grade oficial como Artes Cênicas, mas que tem como conteúdo específico aplicado, o Teatro). O CAp não possui em sua grade obrigatória a Dança, logo, não possui licenciados em dança dando aulas de dança-educação na escola onde o estágio ocorre e sabemos que isso se dá porque a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional prevê que o ensino de Artes seja dividido em quatro linguagens: Música, artes visuais, artes plásticas e artes cênicas, considerando artes cênicas como composta por dança e teatro, mas não necessariamente o professor será habilitado para garantir a aplicação de ambas linguagens a seus alunos. São poucos no mercado com formação em Dança e Teatro.

Nesse sentido, o Comunidade em específico contempla seus bolsistas e voluntários da licenciatura em dança fornecendo espaços para trabalharem além das modalidades de dança em específico, questões pertinentes a dança-educação, seus conteúdos e demandas, além claro de atender as obrigatoriedades que um projeto de extensão exige. E quanto mais aprofundado no projeto o bolsista e/ou voluntário se encontrar, mais ele será capaz de vivenciar essas experiências apontadas, tendo em vista que cada modalidade atende uma demanda de público diferente, com perfis diferenciados que auxiliam a moldar a dança ofertada pelo projeto.

São experiências completamente distintas em que o bolsista tem que aprender como lidar com isso e lecionar seu plano de aula, de curso da forma que mais se encaixe as necessidades dele e de sua turma. Planos esses que são exigidos pelo projeto, outro fator que

aproxima a experiência vivida no Comunidade com as salas de aula de uma instituição formal de ensino.

Já o estágio complementar ocorre atualmente em 03 (três) polos distintos: na Escola Técnica de Ensino Adolpho Block (ETEAB) da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Rio de Janeiro (FAETEC) que é um curso técnico procurado em sua maioria por quem já tem um conhecimento prévio e uma vivência anterior em dança; a Escola de Educação Infantil da UFRJ (EEI-UFRJ) que atende crianças entre 04 (quatro) meses a 05 (cinco) anos e 11 (onze) meses e no Centro Integrado de Educação Pública Professor Claudio Gama (CIEP 179) – Instituto de Educação do Rio de Janeiro que é uma escola especialista em formação de professores.



Imagem 08: Escola de Educação Infantil UFRJ (EEI-UFRJ)

Apesar de ocorrerem em espaços completamente distintos um do outro em termos de atendimento (são alunos distintos em sua formação) e com realidades mais próximas as da maioria das escolas e centros de ensino do Estado do Rio de Janeiro (o que ampliaria as experiências dos licenciandos), as possibilidades inseridas nesses campos de estágio complementar são mínimas, tendo em vista que ele tem duração total de 60h (sessenta horas) e os licenciandos podem escolher apenas um dos locais para atuar. Mesmo porque se as horas complementares forem divididas em mais de um espaço, pouco será extraído do estágio, o que nos faz voltar a uma das mesmas problemáticas do estágio obrigatório com uma pequena distinção. No obrigatório estamos lidando com um contexto de espaço utópico onde os licenciandos estão inseridos para aplicarem praticamente suas experiências adquiridas ao longo da sua formação na Universidade. No complementar, dependendo dos ideais do licenciando (se ele escolher um espaço qual ele queira trabalhar no mercado de trabalho ao longo da sua jornada

enquanto docente), ele não terá um curto espaço de tempo disponível para absorver o máximo de possibilidades proporcionadas por esse campo do estágio.

Em uma conta rápida, se dividirmos as 60h obrigatórias desses espaços por 4h que é basicamente o tempo de permanência do licenciando no estágio (geralmente o estágio complementar ocorre uma vez na semana com duração de 4h), chegaremos ao resultado de 15 dias, ou seja, uma vez na semana, esse licenciando terá um prazo médio de três meses e meio cursando esse estágio. Três meses e meio dentro de um espaço para você desenvolver técnicas, aprimorar métodos e aprender novas linguagens e metodologias é sub-humano. Fatalmente, algo ficará para trás.

Nesse sentido, um projeto de extensão poderá ser capaz de propiciar espaços parecidos com os que o estágio oferece, com mais tempo de diálogo e troca e aprendizado de saberes.



Imagem 09: Projeto Para Todos – Projeto de Extensão realizado pelo Departamento de Artes Corporais da Faculdade de Dança/UFRJ.

CAPÍTULO IV - UM PARALELO ENTRE OS ESTÁGIOS DA LICENCIATURA E O COMUNIDANÇA:

É notório que o objetivo desse trabalho não é valorizar um ou os projetos de extensão e minimizar a relevância do estágio na formação do licenciando, mas é nítido que existam lacunas ainda não preenchidas por parte dos estágios que surgem da carência do profissional na área da dança para receber os licenciandos na escola. Precisamos de mais espaços escolares inseridos em diferentes perspectivas das realidades da nossa sociedade onde a atuação desse estágio possa se dar e mais tempo para que os licenciandos possam correlacionar as experiências adquiridas com seus fazeres.

Considerando a carência e os anseios de não se deixar hiatos para esses futuros profissionais, os projetos de extensão indiretamente assumem um papel de complementar propiciando a seus agentes (bolsistas e voluntários) outras possibilidades, outras experiências que deem a ele mais subsídios. São as possibilidades inseridas nos projetos de extensão e as experiências que eles podem proporcionar dispares dos estágios, contudo, complementares.



Imagem 10: Projeto Arriscado – Projeto de Extensão realizado pelo Departamento de Artes Corporais da Faculdade de Dança/UFRJ.

Nesse sentido o Projeto Comunidança mesmo que involuntariamente, oferece matéria-prima para o desenvolvimento desse fazer docente. As salas de aula de seus agentes pode ser considerado um laboratório científico em que eles tem total autonomia para experimentar tudo que é aprendido na Universidade e fora dela, e desenvolver novas metodologias baseados em

todas as suas experiências estéticas que possam culminar em algum proveito para composição e aperfeiçoamento do seu fazer docente.

Novos fazeres podem ser criados que vão dialogar em campos totalmente distintos. O espaço que o projeto fornece garante um campo de pesquisa para seu agente e ele vai aplicando ao longo de suas aulas e filtrando o que funciona e o que não. Paralelamente, nas outras aplicações de extensão que o mesmo propicia em espaços distintos, esse agente pode aplicar os fazeres criados por ele para ficar se funciona com outros públicos e outras demandas ou não e a partir disso criar desdobramentos para seus fazeres que dialoguem com seus pensamentos e os atendidos pela aplicação da extensão dada pelo projeto.

Gostaria de reforçar que a criação e a manutenção desses espaços de aplicação da extensão são fundamentais e extremamente relevantes não só para auxiliar uma espécie de preparação para o fazer docente dos alunos da graduação, mas para a construção de profissionais mais humanos e com olhares mais apurados para os anseios da população, tendo em vista que a extensão não só ocorre com a sociedade, mas ela dá voz, espaço de fala para essa sociedade garantindo que essa voz ecoe dentro dos muros da academia. Nesse contexto, o fazer seja ele pela licenciatura, bacharel, teoria em Dança ou qualquer outra graduação, pense não só na produção do conhecimento e na formação de novos profissionais, mas sim em quem são esses profissionais, como estamos formando esses profissionais, qual a sua visão de mundo e sociedade, o que ele pode provocar e modificar na sociedade a partir das experiências que nós enquanto academia proporcionamos para ele e de que forma podemos juntos contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária e menos discriminatória a partir desses espaços que propiciamos para nosso aluno? Devemos garantir que a voz da minoria seja ecoada entremuros da Universidade na indissociabilidade dos fazeres e das sabedorias acadêmicas e populares.

CONCLUSÃO:

Ao término da escrita podemos avaliar e reavaliar uma infinidade de questões pertinentes que norteiam um projeto de extensão. Cada capítulo aqui existente, focou um pouco nas possibilidades de um projeto de extensão e evidenciou as possibilidades do Projeto Comunidade. Um projeto que propicia espaço para desenvolvimento de ensino no sentido de subsidiar espaços para a formação docente, mas que não se resume somente a isso, tendo em vista que o projeto conta com um corpo de agentes licenciandos e não licenciandos, e o não auxilia somente os licenciandos, mas todo o seu corpo enquanto equipe, enquanto agentes.

Pensar as práticas, as ações extensionistas e aplicá-las não é um trabalho descomplicado, porém é um trabalho afetuoso e que tem capacidades incalculáveis, afinal somos seres distintos, com objetivos, pensamentos, desejos e anseios distintos. Recebemos e aplicamos as coisas de formas mais diversas possíveis. O que isso vai significar, vai depender única e exclusivamente de nós.

Acredito que a Universidade precisa afiar mais seus olhares para a extensão não como um projeto de ensino e pesquisa, mas para o poder transformador dessas práticas.

Atuamos em lugares muitas vezes carentes de tudo. De fala, de olhar, de gesto. Atuamos muitas vezes no limite da marginalização social, atuamos para vidas sem muitas perspectivas. Mas algumas vezes, tudo que uma pessoa precisa são as oportunidades. E as ações extensionistas são capazes disso: oportunizar novas práticas e olhares. Novas esperanças. Aproximar a comunidade da Universidade. Mostrar que é possível. Transformar!

O Comunidade me levou para muitos lugares em suas práticas de extensão. Me levou principalmente ao Núcleo de Artes Nise da Silveira onde até na festa de Natal, nós estávamos atuando como agentes extensionistas. Uma festa que não aconteceria se não tivéssemos juntado esforços para arrecadar o lanche, as bebidas e os presentes dos alunos da escola. Nós não somos capazes de prever o amanhã nem o que cada um pode fazer com suas escolhas, nem cabe a nós prever ou julgar, porém estamos lá trocando saberes, apresentando uma comunidade acadêmica, deixando sermos apresentados a outra realidade social, cultural, econômica diferentes das nossas. Qual outro espaço dentro da academia capaz de nos proporcionar essa experiência? Qual outro espaço que a Universidade fornece que permite com que a gente saia do campus, saia do Oásis e vá bater na porta da realidade despidos de tudo, apenas querendo trocar. Receber e ser recebido.

Qual é o outro espaço dentro de uma Universidade, seja ela qual for que confirma que o saber popular, aquele que não está escrito em nenhum livro, nem registrado em nenhum vídeo é algumas vezes até mais sábio do que o produzido por doutores? Qual é o espaço que te deixa ouvir da boca de quem sabe qual é a necessidade, qual a experiência, qual o saber que tem naquele lugar que em livro nenhum tem?

Um ensinamento que não é compartilhado não será capaz em hipótese alguma de ajudar no desenvolvimento da sua sociedade. E é isso que a extensão promove. A partilha. O reconhecimento de igualdade que tanto a Universidade como a sociedade tem para dialogar fazendo com que essa troca contribua para uma sociedade mais justa, igualitária, mais crítica, trabalhando para a redução das desigualdades sociais e para a construção de uma sociedade menos excludente e mais democrática.

Portanto, ratifico a gigantesca importância dos projetos de extensão para a comunidade acadêmica e sua sociedade lembrando que os inúmeros projetos de extensão atuam de inúmeras formas em inúmeras comunidades transformando seu atual cenário, capacitando seus agentes de extensão a se formarem mais humanos, justos e profissionais mais qualificados reconhecendo toda a forma de conhecimento seja ele escrito ou não e capacitando a comunidade que o recebe a ser mais crítica, transformadora, inovadora, menos desigual evidenciando a relevância dos saberes e a contribuição que eles tem para os agentes da extensão.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 8.035. Aprova o Plano Nacional de Educação para o decênio 2011-2020 e dá outras providências. *Projetos de Leis e Outras Proposições*. Disponível em:

<<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=490116>>;

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, de 28 de novembro de 1968, p. 10369. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5540.htm>;

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, de 23 de dezembro de 1996, p. 27.833. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>;

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, de 10 de janeiro de 2001, p. 128. Disponível em: <http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2010.172-2001?OpenDocument>;

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Texto consolidado até a Emenda Constitucional nº 70 de 29 de março de 2012. Senado Federal. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_29.03.2012/CON1988.pdf>;

BRASIL. Presidência da República. Decreto Nº 7.233, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre procedimentos orçamentários e financeiros relacionados à autonomia universitária, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, de 20 de julho de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7233.htm>;

BRASIL. Portal do Governo – Ministério da Educação (MEC): Plano Nacional de Educação 2014/2024 em movimento. Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/>>;

BRASÍLIA. *Avaliação Nacional da Extensão Universitária*. Brasília: MEC/SESu, 2001a. (Extensão Universitária, v.3);

BRASÍLIA. I Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 1987. *Conceito de extensão, institucionalização e financiamento*. UNB, 1987. 5 p. Disponível em: <<http://www.renex.org.br/documentos/Encontro-Nacional/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf>>;

BRASÍLIA. Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras: *Extensão Universitária: Organização e Sistematização*. (FORPROEX Coleção Extensão Universitária; v.6);

BRASÍLIA. Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras: *Políticas de Extensão Universitária Brasileira* (FORPROEX), p. 07-24;

BRASÍLIA. XXX Encontro Nacional do FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior – Carta de Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.renex.org.br/documentos/Encontro-Nacional/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf>>;

BRASÍLIA. XXXI Encontro Nacional do FORPROEX. Carta de Manaus. Maio de 2012;

DESLAURIERS, j.-P. (1991) *Recherche qualitative – Guide pratique*. Montreal: Mc Graw~Hill;

FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação?* ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992;

GONÇALVES, Elisa Pereira. *Iniciação à pesquisa científica*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001;

MEC. Portal SigProj/MEC. Disponível em <http://sigproj1.mec.gov.br/projetos/imprimir.php?modalidade=1&projeto_id=267770&local=home&modo=1&original=1> visitado e, 02/06/2018>

MENDONÇA, S. G. L.; SILVA, P.S. *Extensão Universitária: Uma nova relação com a administração pública. Extensão Universitária: ação comunitária em universidades brasileiras*. São Paulo, v. 3, p. 29-44, 2002;

NOGUEIRA, M. D. P. (Org.) *Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas*. Belo Horizonte: PROEX/UFMG; O Fórum, 2000.

SANTOS, Boaventura S. *A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 120).

SOUSA, Ana Luiza Lima. *A história da extensão universitária*. 1. ed. Campinas: Ed. Alínea, 2000. 138 p;

UFRJ PR5. Site Pró Reitoria de Extensão UFRJ (PR5). Disponível em: <<https://xn--extenso-2wa.ufrj.br/index.php>>;

UFRJ PR5. Site Pró Reitoria de Extensão UFRJ (PR5) em Programas Articulados. Disponível em: <<https://xn--extenso-2wa.ufrj.br/index.php/programas-articulados-e-programas-de-formacao/programas-articulados>>;

UFRSM. Universidade Federal de Santa Maria Em colaboração com a Agência Da Hora. Disponível em <<http://site.ufsm.br/noticias/exibir/extensao-sera-obrigatoria-no-curriculo-dos-cursos>>;

ANEXOS:

ANEXO 1: Depoimentos sobre o Projeto Comunidança:

“Minha história no Comunidança começou em 2015 quando comecei a fazer aulas de hip hop e desde então fui me aventurando em outras modalidades como Zouk, Forró e Stiletto.

O que eu posso dizer desse projeto lindo é a diversidade que ele traz na nossa vida, desde conhecer novas pessoas até a lidar com o nosso próprio corpo? Além da diversão, o Comuni é terapêutico no sentido mais sério. Tenho certeza de que se eu me trouxe até onde estou na minha vida acadêmica foi por causa do projeto, do carinho e do abraço coletivo que trouxe todas as semanas em que achava que não daria mais.

Hoje, mesmo estando ausente por questões médicas, recomendo fortemente a quem quiser fazer alguma atividade física ou por experiência. Tem muitas modalidades para se adaptar e ser feliz dentro dos horários possíveis.

Tenho um carinho muito grande pelo Comunidança. Desejo que ele continue levando cultura e entretenimento para pessoas de fora do mundo da dança, que ele seja capaz de abrir um mundo novo para todos que irão entrar no futuro, que continue sendo um projeto apaixonante, mostrando as coisas boas da UFRJ.

Eternamente grata ao Comuni.”

Suellen Araújo.

No primeiro semestre de 2017, eu iniciei as aulas de Forró pelo Comunidança e fui até o final. Fiz algumas aulas de Stiletto, Zouk e Hip-Hop Funk no segundo semestre de 2017 também, porém não pude ir até o final.

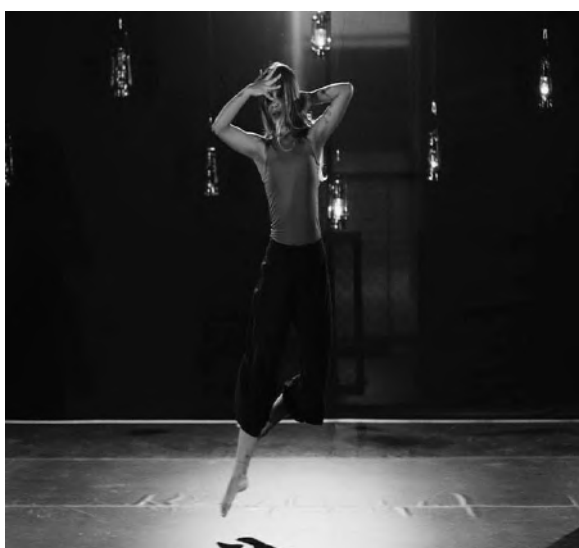
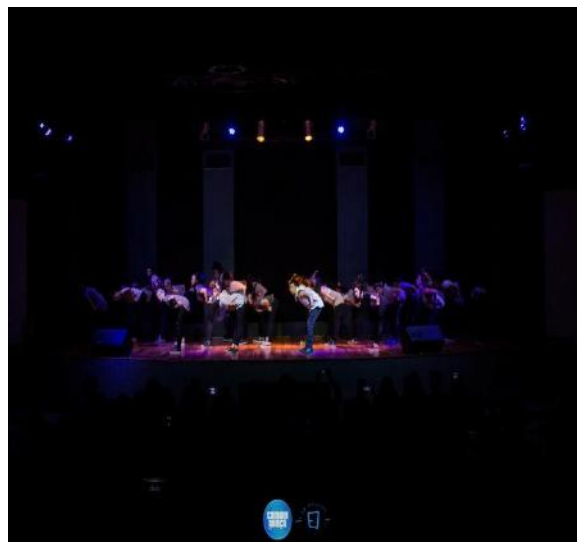
O Comunidança para mim foi tudo nesse ano! Ele elevou minha autoestima em muitos sentidos, pois consegui aprender Forró apesar de ainda ter muito o que aprender sempre. O Stiletto mesmo com tão pouco tempo, me proporcionou um olhar diferente do que eu tinha de mim mesma. Passei a me enxergar como uma mulher bonita, forte e decidida.

A dança sempre mexeu muito comigo, ela me deixa leve, alegre, forte e ter isso dentro da faculdade, de graça e com qualidade foi incrível! Me ajudou nos momentos difíceis.

Eu acho um projeto lindo demais porque vai muito além do que nossos olhos são capazes de enxergar. Mexe com o interior, com os sentimentos e sou muito grata pela oportunidade que tive.

Ignez Merly.

Imagens de eventos – Mostras, Workshops, Seminários, Bailes, Dias de Inscrições:









ANEXO 3: Depoimentos sobre o Samba no Pé no Projeto Comunidade:

“A minha participação no Samba no Pé dentro do Comunidade se deu de uma forma um pouco aleatória. Conheci a Naty como monitora das aulas de Zouk para iniciantes no semestre 2015.1 e sua alegria e energia positiva já era algo marcante e contagiante. Foi um semestre muito agradável onde pude aprender muita coisa sobre esse ritmo que tanto me agrada. Nas últimas aulas de Zouk, a Naty começou a fazer propaganda para a turma sobre o próximo período, no qual ela estaria presente aulas de Zouk para iniciados e Samba no Pé, onde ela mesma seria a professora.

Nos poucos minutos que tive para pensar entre esse aviso e a aproximação dela para falar comigo e alguns poucos que estavam próximos a mim, me lembro que fiquei muito animado com tal oportunidade pois, apesar de não ser nativo da cidade do Rio de Janeiro e onde eu morei antes o samba não ser o foco, sempre foi um ritmo que mexia muito comigo! O que eu não contava era que eu seria “obrigado” pela própria Naty a fazer essas aulas pois quando ela se aproximou, se dirigiu diretamente a mim e me disse: “Você vai fazer as minhas aulas de samba no pé!”. Estava decretada minha participação em suas aulas pelos próximos três semestres, dos quais não me arrependo nem um segundo, muito pelo contrário, me arrependo dos dias que eu faltei!

Não tenho palavras para expressar o quão benéfico foram essas aulas para mim, toda e qualquer expressão escrita aqui é com certeza, menos que o meu sentimento.

Meu vínculo com a UFRJ foi durante meu mestrado em matemática e durante essa época tive alegrias e tristezas bem profundas com relação à minha formação acadêmica, mas sentia que levava talvez uma vida muito sedentária pois os estudos em matemática exigem longas horas de uma posição parada, sentado em uma cadeira e em frente um lápis, uma borracha, um livro e um computador. Sendo assim, tirar algumas horas da semana para fazer algum exercício físico é muito importante, o que eu não esperava é que as aulas da Naty seriam muito mais que uma simples hora de exercício físico durante a semana onde entraríamos, ela ensinaria um ou dois passos, repetiríamos e pronto...

Não! Definitivamente não!

Suas aulas foram muito além desse conceito básico e raso de “adestramento”. Houve dias em que ela sentiu que só precisaríamos praticar um pouco, então praticávamos. Houve aulas em que ela nos prestigiou com um conhecimento preciosíssimo sobre a história e filosofia do samba (uma das que eu mais recordo! Muito obrigado, Naty!) e aulas onde ela ensinava um ou dois passos, nos corrigia e passava alguma atividade divertida e/ou desafios relacionados com o tema/ passo ensinado.

Muito mais que uma professora, Naty foi uma amiga de todos nós. O clima não tinha como ser melhor durante suas aulas e fora também pois quase sempre íamos almoçar todos juntos e ela sempre

propunha algum lugar onde havia alguma roda de samba, alguma bateria de escola de samba ensaiando, algum baile, qualquer lugar onde poderíamos pôr em prática o que vínhamos aprendendo e também conhecer o lado da história do samba, que ela tanto insistia e que tanto faz parte do samba em si! Como disse um amigo meu que também foi aluno da Naty durante um semestre, mais que agradecê-la pelas aulas e pelo bom tempo que passávamos, agradeço por me fazer descobrir que eu não só gosto do samba, que eu sou do samba!

Atualmente, não moro mais no Rio, e é única e exclusivamente por esse motivo que não frequento mais as aulas da Naty, mas levo comigo para sempre, aonde eu for, as lembranças dos seus ensinamentos, seu carisma e sua amabilidade pois estou me formando também para ser professor. Assim sendo, posso dizer tranquilamente que a Naty é uma inspiração para o profissional que eu quero ser.

Dança e matemática são áreas bem distintas (que podem ter interseção, mas não é esse o ponto) mas quero, como professor, ser tão capaz de transmitir a importância e a relevância do conhecimento da minha área de atuação, quanto a Naty o é em sua área.”

Gladston Duarte Ferreira.

Minha aproximação e conhecimento obtido no projeto foi um tanto enriquecedor. Já havia tido contato com o samba desde criança, além disso, sempre frequentei ambientes relacionados. Com o passar dos anos mudei de religião e não podia mais frequentar os mesmos locais como antes, no entanto, meu amor pelo samba e relação direta desde muito tempo, não me permitiu afastar totalmente fazendo com que através do Comunidade eu pudesse me aprofundar e fazer algo que sempre fiz, porém nada que causasse constrangimentos maiores por conta da mudança. Era também o momento de esquecer a exaustão que o semestre causava e uma terapia pós prova. Foi uma experiência única e extraordinária, obtive mais entendimento e pude melhorar significativamente, até que me tornei monitora, algo que foi uma honra. Só coisas boas a dizer desse projeto, e tenho certeza de que ele impactou outras vidas positivamente da mesma maneira que impactou a minha.

Stefani Paula.

Ir para o fundão teve uma maior motivação, depois que conheci as aulas de Samba no Pé da professora Naty no Comunidade. Foi ótimo passar um semestre sambando e conhecendo um pouco sobre essa cultura apaixonante! E poder tomar uma gelada, com samba raiz (nada de Nutella!), ao lado da professora em uma de suas aulas nos espaços onde o samba de fato acontece no Rio de Janeiro (Pedra do sal), foi ótimo! Só tenho a agradecer pelas boas energias que ela transmite! Desejo à Naty todo sucesso do mundo!

Bruna Brito.

ANEXO 4: Imagens sobre o Samba no Pé no Projeto Comunidade:



ANEXO 5: Imagens do processo de pesquisa (Fóruns de Extensão e reuniões de monografia):



Imagens Extras – Participação em Jornadas e Seminários, Reuniões, Aulas do projeto, Dias de Inscrições, Entrega de doações, Processo de produção de foto e filmagem divulgados nas mídias sociais, Aplicação da extensão, Artes de divulgação:







COMUNI DANÇA

QUADRO DE AULAS

12H

 ROBERTO SÔLO HIP HOP FUNK SEG HIP HOP TER	 AMANDA SANTANA STILETTO TER E SEX	 RICK GOMES ZOUK INTERMEDIÁRIO QUA E QUI	 TIMIRES SERPA BALLET QUA E SEX	 MATTY MENEZES SAMBA NO PÉ SEX
---	---	---	--	---

17H

 JERÔNIMO SILVA ZOUK SEG E QUA	 LUCAS FONSECA VOGUE SEG E QUA	 CARLOS DE ASSIS SAMBA SEG E QUA	 JADE E MARCELO JAZZ SEG E QUA	 THIAGO NUNES HIP HOP TER E QUI
 MITHALIA LEITE DANÇA DO VENTRE TER E QUI	 CAVUS NASCIMENTO FORNÔ TER E QUI	 MATHEIUS MEMBRILLE CONTEMPORÂNEO TER E QUI	 MARGARINA BORGES SABREADO QUA E SEX	

Logos: UFRJ, CCS, PR-5

COMUNI DANÇA

QUADRO DE AULAS

12H

 ROBERTO SÔLO HIP HOP - SEG HIP HOP FUNK - SEX	 AMANDA SANTANA STILETTO SEG E QUA	 TIMIRES SERPA BALLET SEG E QUA	 LUCAS FONSECA VOGUE SEG E QUA	 JERÔNIMO SILVA ZOUK SEG E QUA	 CARLOS DE ASSIS SAMBA TER E QUI	 THIAGO NUNES HIP HOP - TER E QUI EXPERIMENTAL - QUA	 CAVUS NASCIMENTO FORNÔ TER E QUI
--	---	---	--	--	--	---	---

17H

 MITHALIA LEITE CONTEMPORÂNEO TER E QUI	 JADE E MARCELO ZOUK INTERMEDIÁRIO QUA E QUI	 MITHALIA LEITE DANÇA DO VENTRE TER E QUI	 JADE E MARCELO JAZZ TER E QUI	 MARGARINA BORGES SABREADO QUA E SEX	 MATTY MENEZES SAMBA NO PÉ QUA E SEX
---	---	--	---	---	---

Logos: UFRJ, CCS, PR-5

COMUNI DANÇA

AULA ABERTA
CAROL CORREA E DIEGO GARRIDO



ZOUK

DIA 07/12 - ÀS 17H

LOCAL: ILHA DO FUNDÃO - UFRJ | PRÉDIO DE ED. FÍSICA EEFD

OFICINA DE FLAMENGO

DATA: 06/04

HORÁRIO: 17H

SALA: CAD



JADE MACHADO

COMUNI DANÇA

LOCAL: PRÉDIO DE ED. FÍSICA (EEFD-UFRJ)

COMUNI DANÇA
UFRJ

BAILE JUNINO

BARRACAS COM VENDA DE COMIDAS TÍPICAS

MESA COMUNITÁRIA DE BEBIDAS
PROIBIDO BEBIDA ALCOÓLICA

CORREIO DO AMOR

QUADRILHA

DIA: 17/06
HORÁRIO: 14H ÀS 20H
LOCAL: GAM 2

INSCRIÇÃO

COMUNI DANÇA

DIA 17/03 DE 10H ÀS 17H

LOCAL: HALL DO SALÃO DA HELENITA - EEFD

COMUNI DANÇA

GRADE HORÁRIA

	SEG	TER	QUA	QUI	SEX
12H	STILETTO HIP HOP FUNK DANÇA DO VENTRE DANÇA CONTEMPORÂNEA	BALLET	STILETTO ZOUK MÓDULO 2 DANÇA CONTEMPORÂNEA	BALLET	HIP HOP FUNK ZOUK MÓDULO 2
17H	JAZZ TRIBAL FUSION EXPERIMENTAL ZOUK MÓDULO 1	HIP HOP SAPATEADO SAMBA NO PÉ DANÇA MODERNA FORRÓ MÓDULO 1	JAZZ VOGUE SAPATEADO EXPERIMENTAL ZOUK MÓDULO 1 FORRÓ MÓDULO 2	HIP HOP FORRÓ MÓDULO 1 DANÇA MODERNA	VOGUE SAMBA NO PÉ TRIBAL FUSION FORRÓ MÓDULO 2

III SEMINÁRIO COMUNIDANÇA

Por mais extensão

28 JUNHO 2018

9:30H ÀS 21H

Mesa | Exposições
Oficina | VideoDança
Espetáculo | Performances

ENTRADA GRATUITA

[fb.com/comunifufrj]

Escola de Educação Física e Desportos / UFRJ
Av. Carlos Chagas Filho, 540 - Cidade Universitária

REALIZAÇÃO: **COMUNI DANÇA** APOIO:  



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____, CPF _____, RG _____,

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores **Nathália do Nascimento Menezes sob orientação de Denise Quelha de Sá**, do projeto de pesquisa intitulado **“Comunidade em um olhar de dentro para fora: A importância do projeto de extensão na Universidade Federal do Rio de Janeiro para o bolsista e voluntário em formação”** a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Rio de Janeiro, __ de _____ 20__

Pesquisador responsável pelo projeto.

Sujeito da Pesquisa.